





Ministério da Educação – Brasil Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM Minas Gerais – Brasil

> Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM ISSN: 2238-6424

> > QUALIS/CAPES – LATINDEX N°. 10 – Ano V – 10/2016 http://www.ufvjm.edu.br/vozes

O PROJETO ARQUEOLÓGICO ALTO JEQUITINHONHA – SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, CULTURA MATERIAL E CRONOLOGIAS PARA COMPREENSÃO DAS OCUPAÇÕES INDÍGENAS HOLOCÊNICAS NO ALTO VALE DO RIO ARAÇUAÍ, MINAS GERAIS - BRASIL.

Prof. Dr. Marcelo Fagundes

Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP

Docente da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH) da Universidade Federal dos

Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM/MG

Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem,

Centro de Geociências (LAEP/CEGEO/ICT) Diamantina, MG – UFVJM – Brasil

http://lattes.cnpq.br/8995380304167773

E-mail: marcelofagundes.arqueologia@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar os principais avanços que têm sido alcançados ao longo de sete anos de pesquisa sistemática no Alto Vale do Jequitinhonha, principalmente em terra dos municípios de Felício dos Santos, Itamarandiba, Senador Modestino Gonçalves e São Gonçalo do Rio Preto. A pesquisa tem sido realizada com base na interdisciplinaridade tendo como meta coligir dados entre as Ciências Naturais e Humanas de forma que possibilite a compreensão das relações socioambientais, e culturais, de grupos humanos que ocuparam um vasto território no Alto Vale do Jequitinhonha, a partir da transição do Pleistoceno para o Holoceno até o contato com os europeus. A área de abrangência do projeto foi denominada de Área Arqueológica de Serra Negra, localizada na face leste da Serra do Espinhaço Meridional, entre as bacias do Jequitinhonha e Doce. Está constituída por 56 sítios arqueológicos, sendo todos abrigos sob rocha (em quartzito), a maioria com presença de painéis rupestres, implantados em diferentes fitofisionomias que compõem a área. Até o momento foram escavados cinco sítios arqueológicos, apresentando um rico repertório cultural dividido em duas ocupações distintas (de caçadores coletores aos horticultores), entre 7225 e 130 anos AP. Como resultado espera-se uma compreensão mais assertiva acerca do sistema regional de assentamento, bem como evidenciar as principais características do repertório cultural, do modo de vida e cultura dos povos pregressos que ocuparam o nordeste de Minas Gerais.

Palavras-chave: Arqueologia. Holoceno Médio. Paleoambiente. Serra do Espinhaço. Paisagem. Cultura Material.

INTRODUÇÃO

Faz sete anos que a pesquisa arqueológica realizada pela equipe do Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP/CEGEO/ICT/UFVJM), tem sido desenvolvida sistematicamente, sobretudo no Alto Vale do Jequitinhonha, mas como área principal o Alto Araçuaí, em terra dos municípios de Felício dos Santos, Senador Modestino Gonçalves, Itamarandiba e São Gonçalo do Rio Preto.

A Serra do Espinhaço Meridional (doravante SdEM), tem sido região intensamente pesquisada por arqueólogos, produzindo um conhecimento significativo sobre a história indígena regional antes do contato. Esta porção do território mineiro pode ser subdividida em duas regiões com alto potencial arqueológico¹ (**FIGURA 01**):

- Planalto Diamantinense que é palco de pesquisas acadêmicas faz mais de uma década, havendo produção de conhecimento significativa, sendo identificado um vasto repertório cultural a partir da passagem do Pleistoceno para o Holoceno (ISNARDIS, 2009, 2013; LINKE, 2008, 2013, MIRANDA, 2013; FAGUNDES & TAMEIRÃO, 2013; OLIVEIRA, 2016; BALDONI, 2016).
- Área Arqueológica de Serra Negra; Mais recentemente a borda leste do Espinhaço Meridional, na região denominada Serra Negra, tem sido pesquisada pela equipe da UFVJM, obtendo resultados significativos sobre as ocupações regionais (FERREIRA, E., 2011; FAGUNDES et al, 2012a, 2012b, 2014; FAGUNDES, 2013, 2014; FERREIRA, 2014; FERREIRA &FAGUNDES, 2014; LEITE & FAGUNDES, 2014; KGNET, 2015; FLORESTA, 2015; LEITE, 2016; PERILLO FILHO, 2016; SILVA, 2016).

Tanto no Planalto Diamantinense como em Serra Negra, apesar dos vários esforços (inclusive interdisciplinares), pode-se afirmar que esse território ainda é muito desconhecido arqueologicamente, uma vez que se calcula que menos de 10% do total de sua superfície foi prospectada. Tal fato, por sua vez, indica o altíssimo potencial arqueológico regional, com

¹ A divisão foi realizada arbitrariamente como meio de permitir uma compreensão mais assertiva das realidades locais.

ocupações do Holoceno Inferior e Superior para o Planalto Diamantinense (ISNARDIS, 2009), e datações relativamente contínuas entre 7225 anos AP até o contato com europeus nos século XVIII, para o Alto Vale do Araçuaí (FAGUNDES *et al*, 2014).

Nestas ocupações se destacam o valioso repertório cultural, sobretudo representado por uma quantidade imensa de sítios de arte rupestre (grande parte associada à Tradição Planalto) e diversificada indústria lítica², tendo como matérias-primas principais o quartzo e o quartzito. A cerâmica ocorre de forma pontual em alguns sítios, sendo que não foram contabilizados mais que algumas dezenas de fragmentos (ISNARDIS, 2013; FAGUNDES, 2013; LINKE, 2013).

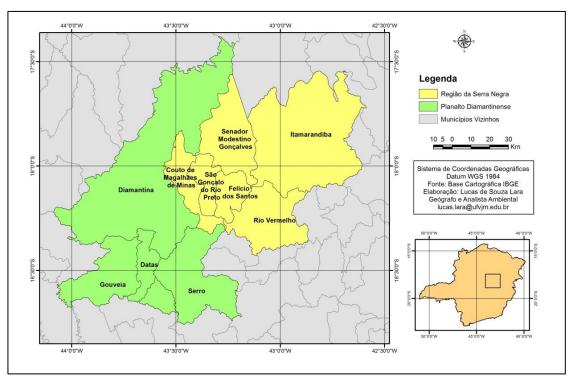


Figura 1 Mapa geral da Área Arqueológica de Serra Negra, com destaque para os principais municípios abrangidos pelas pesquisas. LAEP/2014.

Este artigo tem como intenção apresentar à comunidade acadêmica os resultados até então alcançados acerca das ocupações humanas anteriores à chegada dos europeus no Alto Vale do Araçuaí, Borda Leste do Espinhaço. Assim, a pretensão é disponibilizar informações que comprovem a importância dessa porção do estado, discutindo o que se tem produzido acerca de itens fundamentais no conhecimento da Arqueologia no Vale do Jequitinhonha, a saber:

² Diz respeito às ferramentas produzidas a partir da transformação técnica de rochas e minerais.

- A paisagem que permitiu a presença de ocupações humanas em longa duração.
- Acerca dos sítios arqueológicos e como estão implantados nessa paisagem.
- As cronologias obtidas nas pesquisas arqueológicas.
- O repertório cultural evidenciado e estudado.
- Considerações obtidas até o momento sobre os grupos humanos que habitaram essa parte do Espinhaço Mineiro.

PAISAGEM DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Em termos geoambientais, a SdEM está localizada entre três bacias hidrográficas federais (São Francisco, Jequitinhonha e Doce). É muito importante ressaltar que a disposição geomorfológica regional também foi responsável pela constituição de diferentes ecossistemas, irrigados por corpos hídricos permanentes e em grande número que, mesmo durante as inúmeras transformações ao longo do Holoceno, estiverem presentes regionalmente (HÓRAK-TERRA, 2013; BISPO *et al*, 2015, FAGUNDES *et al* 2016), tendo a maior parte de seu território no domínio fitoecológico do cerrado (em suas diferentes fitofisionomia – *stricto sensu*, campo rupestre, campo ralo, etc.), contudo na borda leste a mata atlântica se faz presente.

Além disso, a formação geológica regional única concedeu importante contribuição para o modo de vida e tecnologia dos primeiros grupos humanos que a ocuparam. A presença de rochas do Supergrupo Espinhaço forneceu matéria-prima abundante e de excelente qualidade para: (i) o lascamento e produção de suas "ferramentas de pedra"; (ii) a utilização como suporte para seus painéis rupestres; (iii) a instalação de pessoas em espaços abrigados a fim de realizar suas atividades cotidianas (FAGUNDES, 2013, 2014; ISNARDIS, 2013; LINKE, 2013; BAETA & PILÓ, 2013; FAGUNDES & TAMEIRÃO, 2013; LEITE & FAGUNDES, 2014; FAGUNDES *et al*, 2012a, 2012b, 2015; FAGUNDES, 2013; 2014).

No total, foram identificados 262 sítios pré-coloniais, principalmente com presença de arte rupestre filiada à Tradição Planalto, sendo 151 estudados pela equipe do LAEP/UFVJM e 111 pela equipe do Setor de Arqueologia do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (ISNARDIS, 2013, p. 59)³. Contudo, como dito, apenas uma pequena porção do território foi prospectada e como os números falam por si, percebe-se a importância dessa parte do território mineiro no que diz respeito ao passado pré-colonial (ou indígena) do Brasil.

_

³ Base de dados referentes a dezembro de 2015. Este número de sítio é superior.

Para a Serra Negra, em especial, a área está subdividida em três compartimentos distintos: Serra do Espinhaço, do Rio Vermelho e da Serra Negra. A porção oeste da área de estudo é ocupada pelo compartimento da Serra do Espinhaço, composto por rochas quartzíticas e filíticas, onde afloramentos rochosos são recorrentes. De acordo com Kgnet (2015), apresenta altitudes mais elevadas, os solos são rasos e com baixo nível de nutrientes.

Contudo a maioria dos sítios estudados pelo LAEP está no compartimento Serra Negra. Nas altitudes mais elevadas, notavelmente nos topos da Serra, ocorre espessa camada de quartzito pertencente ao Grupo Guanhães (SOUZA e GROSSI, 1997). Segundo Kgnet (2015), a face norte da Serra Negra é marcada por xistos e quartzitos da formação Capelinha. Ao sul e a leste estão as rochas do Grupo Guanhães, da Formação Serra Negra, caracterizados por quartzito do tipo micáceo branco, além da biotita gnaisse bandado. Na porção centronorte, até as proximidades do Ribeirão Itanguá, ocorrem rochas intrusivas denominadas Batólitos Itanguá. Alguns afloramentos desta rocha granítica foram evidenciados, sendo um deles importante sítio histórico de captação de granito para produção de ferramentas, sobretudo moinhos. Por fim, ao sul destas rochas intrusivas, estão presentes os micaxistos do Grupo Macaúbas, podendo ainda ocorrer camadas quartzíticas associadas (KGNET, 2015).

A geomorfologia regional é marcada pela presença de morros do tipo meia laranja, característicos dos mares de morros mineiros. No que tange a hidrografia, a área está inserida entre duas bacias hidrográficas importantes: do Doce, a leste; do Jequitinhonha, a oeste. Grande parte dos sítios está implantada na sub-bacia do Araçuaí (sobretudo os localizados em terras de Felício dos Santos), mas há sítios nas bacias do Itanguá, do Itamarandiba (ambos componentes da bacia do Jequitinhonha) e Suaçuí-Grande, afluente do rio Doce (KGNET, 2015).

No que se refere ao clima, o fator orográfico é de grande influência regional, sendo caracterizado como mesotérmico (Cwb na classificação de Geiger-Koppen), marcado por verões brandos e úmidos (outubro a abril), invernos mais frescos e secos (junho a agosto), com pequenas transições nos meses de maio e setembro. A precipitação varia de 1250 mm a 1550 mm e a temperatura média anual varia entre 18º a 19ºC (KGNET, 2015).

A cobertura vegetal na SdEM pode ser descritva por um grande mosaico fitofisionômico, sendo um centro de diversidade de número gêneros de muitas famílias: Asteraceae, Melastomataceae, Ericaceae, Leguminoseae, Velloziaceae (a família inteira), Eriocaylaceae e Xyredaceae, sendo que as duas últimas não são comuns em outras formações brasileiras (MENDONÇA FILHO, 2005). A Floresta Estacional Semidecídua se faz presente

em muitas áreas, sendo que em alguns Complexos Arqueológicos são dominantes, como é o caso de Felício dos Santos, único Complexo Arqueológico que obteve datações do Holoceno Médio.

No que tange as condições paleoclimáticas da SdEM, sobretudo durante o Holoceno, as contribuições de Alexandre Christófaro Silva e equipe, com os estudos sobre as turfeiras regionais, sem sombra de dúvidas são as mais significativas e de suma importância à compreensão da Arqueologia regional (SILVA *et* al, 2005; HÓRAK-TERRA 2014; HÓRAK TERRA *et al*, 2012, 2014; BISPO *et al*, 2015).

Para a Serra Negra, os resultados de Bispo *et al* (2015) sobre a análise de duas turfeiras na Serra do Gavião, nas cabeceiras do rio Araçuaí são as mais significativas. Distantes 5 km do sítio Cabeças 4 (comprovadamente de ocupações do Holoceno Médio, entre 7225 e 4420 anos A.P.), suas análises indicaram mudança de clima mais seco para mais úmido entre 7.664 a 4.226 anos AP, justamente o período de ocupação do Complexo do Cabeças.

PAISAGEM COMO CONCEITO TEÓRICO

Um dos focos da pesquisa desenvolvida no Alto Araçuaí tem sido a paisagem (FAGUNDES, 2009, 2011, 2014; FAGUNDES & PIUZANA, 2010; 2014; FAGUNDES *et al*, 2012b; FAGUNDES *et al*, 2016).

A equipe tem buscado compreender a paisagem, contextual e holisticamente, enquanto uma construção cultural, em que grupos humanos deixam suas marcas ao longo de tempo. Além disto, ela é vista como símbolo, vinculada à teia de significados culturais de um dado grupo humano. Sob o ponto de vista da Arqueologia, este construção é expressa materialmente, por meio da implantação dos sítios arqueológicos, e suas inter-relações, e do repertório cultural associado.

De qualquer forma, a paisagem está além desta materializada, uma vez que todo grupo humano realiza percepções sobre sua paisagem e, portanto, o lugar onde habita é circunscrito em processos simbólicos e de significação vinculados à cultura, estabelecendo referências que demarcam seu território (DESCOLA, 1999).

Portanto, a paisagem está constituída por sua materialidade e as transformações que sofre em longa duração, além das experiências, das construções cognitivas e idealização de acordo com a percepção dos humanos sobre o mundo que os rodeia. Deve ser vista em sua

materialidade, isto é em seus aspectos fisiográficos, bem como em sua espiritualidade (imaterialidade), sob uma escala diacrônica e holística.

Enfim, desde a implantação de sítios arqueológicos e lugares de interesse arqueológico, da análise do repertório cultural até caracterização geoambiental para Arqueologia, a paisagem sempre é composta por estas muitas "camadas de significados" relacionadas à História de Vida de diferentes populações; do universo simbólico às relações de poder ou gênero; de interesses de viés econômico, social, político ou religioso e das tensões conflitos inerentes à vida social.

A paisagem é um fenômeno social em que contextos históricos e culturais específicos definem características simbólicas ímpares. Por isso tem-se mais do que um produto humano, da construção humana, podendo ser definida como um espaço social humanizado: no tempo, no espaço e na cultura.

IMPLANTAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NA PAISAGEM DE SERRA NEGRA

Ao todo foram identificados 56 sítios arqueológicos em Serra Negra, todos em abrigos sob rocha, sendo que a grande maioria apresenta painéis rupestres associados, grosso modo, ao que foi definido na literatura arqueológica como Tradição Planalto (PROUS, 1992), apresentando particularidades estilísticas e temáticas (LEITE, 2016; GRECO, 2016; GOMES, 2016).

Pode-se indicar que há diferentes implantações (e tipos) de sítios na paisagem regionais, que, simplificadamente, podem ser distribuídos em: (a) sítios de campo rupestre, o que ocorrem com os sítios do Complexo Três Fronteiras, do Complexo Campo das Flores; Ambrósio 02 e 03; Lapa Santa; (b) sítios em mata, a exemplo do Sampaio, Amaros, Indaiá 01 e 02, Cabeças 01 ao 05; (c) sítios de passagem, abrigos localizados no contraforte das serras, em compartimentos topográficos que permitem facilidade de acesso de uma vertente para a outra, formando verdadeiro caminhos, até hoje utilizados pelas comunidades locais. Nesta categoria se classificam os sítios Sassafrás 01; Jambreiro 01, 02 e 03; Amaros 01; Serra da Chácara.



Figura 2 Paisagem do Complexo Arqueológico de Três Fronteiras, Felício dos Santos, MG. Destaque para o sítio 01, visada leste oeste. Ao fundo da imagem Serra da Bocaina, marco geográfico regional. LAEP/2016.

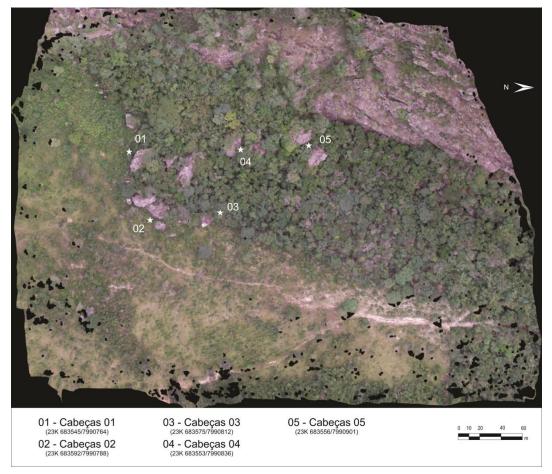


Figura 3 Visão área do Complexo Arqueológico do Cabeças, em floresta estacional semidecidual, Felício dos Santos, MG. Ortofoto: Simões/ 2016.

Estes sítios arqueológicos vão desempenhar diferentes papéis dentro do sistema regional de assentamento, contudo, no geral, podem ser classificados como de ocupação temporária para desenvolvimento de diferentes atividades sociais. Seguem algumas descrições regionais:

• Sítio Itanguá 02 – tem sido estudo faz algum tempo pela equipe, sendo sua escavação ocorrendo no ano de 2010, sendo exumados mais de 5 mil vestígios líticos e obtendo uma datação de 680 ± 110 anos A.P. para a única estrutura de combustão exumada. Os conjuntos líticos estão sendo por Perillo (2016), destacando o uso do abrigo como oficina lítica, prioritariamente para exploração do quartzo. Leite (2016), por sua vez, estudou os conjuntos rupestres deste e de outros sítios da área denominada como Complexo Campo das Flores. O que se pode inferir acerca deste assentamento é que realmente se tratou de um lugar ocupado e reocupado ao longo do Holoceno Superior (prioritariamente).

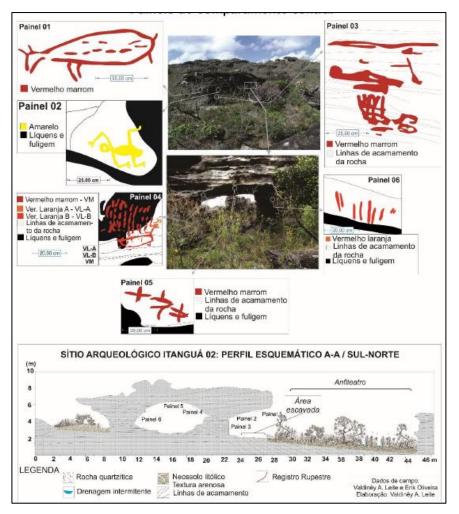


Figura 4 Conjuntos rupestres do sítio Itanguá 02. Apud: LEITE, 2006, p.118.

• Cabeças 01– Trata-se de outro abrigo sob rocha com muito painéis rupestres filiados à Tradição Planalto. Sua escavação resultou na evidenciação de duas estruturas de combustão sendo obtendo-se as seguintes cronologias: de 230 ± 30 anos A.P (Beta 379288/ AMS) para quadrícula K2, nível 5, camada 01; e de 1960 ± 30 anos A.P. (Beta 379292/ AMS) para a quadrícula N3, nível 08, camada 03. O abrigo está implantado em média vertente, em área de floresta estacional semidecídua. Neste sítio foram escavados 3m² em quadrículas espaçadas pela área do abrigo, sendo evidenciados dois fragmentos muito pequenos de cerâmica na camada 01 e um conjunto lítico composto por 284 peças, majoritariamente em quartzo. Os painéis rupestres apresentam a temática da tradição Planalto em Minas Gerais (PROUS, 1992), sendo estudados por Santos (2016).



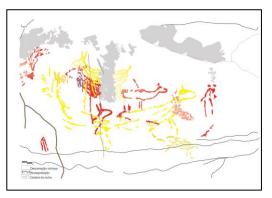


Figura 5 Análise em campo de painel rupestre e calque digital produzido em laboratório. Painel 03 do sítio Cabeças 01. SANTOS, 2015.

• Sítio Cabeças 03 – está localizado em afloramento quartzítico, na baixa vertente da Serra Gavião, na sub-bacia do Araçuaí, borda leste do Espinhaço Meridional. Em 2014 foi escavada por níveis naturais uma área total de 5m², o que resultou na evidenciação de uma rica indústria lítica em quartzo hialino, além de uma estrutura de combustão com materiais faunístico e botânicos associados, obtendo-se a cronologia de 940 ± 30 anos A.P. A estrutura de combustão que possibilitou a datação também revelou restos de animais, frutos e sementes intensamente carbonizados e calcinados. Foram identificados frutos de palmáceas e fragmentos de ossos de marsupiais, aves e dasipodídeos, além de fragmentos de conchas de megalobulimídeos. Esse registro não se mostrou suficiente para revelar padrões de dieta ou subsistência humana pretérita. Contudo, juntamente com outros componentes da cultura material podem implicar em interpretações acerca de perambulações humanas na paisagem em eventos simbólicos e/ou culturais relacionados a outros significados além da exploração de recursos. Grosso modo, pode-se inferir o caráter temporário da ocupação.

Revista Científica Vozes dos Vales – UFVJM – MG – Brasil – № 10 – Ano V – 10/2016 Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM – QUALIS/CAPES – LATINDEX – ISSN: 2238-6424 – www.ufvjm.edu.br/vozes



Figura 6 Modelo 3D do sítio Cabeças 03, Felício dos Santos. Em destaque (1) Área de escavação que evidenciou a fogueira com datação de 940 ± 30 anos A.P.. (2) Painel rupestre. Elaboração: SIMÕES, 2016.

Sítio Cabeças 04 – pode-se afirmar que é o assentamento mais complexo de todos os escavados até o momento, sendo o único onde foi possível evidenciar ocupações de grupos de caçadores coletores (mais antigas) e horticultoras, sendo que, de modo geral, o sítio foi ocupado em uma faixa cronológica que segue entre 7225 anos A.P. e 480 anos A.P. Está implantado em um grande abrigo sobre rocha quartzítica, em uma área de floresta estacional semidecídua, em escarpa de serra. Nesse sítio foram escavados 3m² da área totalmente abrigada e protegida da chuva (cerca de ¼ da área que permite escavação). Contrariando as expectativas de pacote sedimentar curto (comum regionalmente), a profundidade média da escavação foi de 70 cm, onde foram evidenciados os dois horizontes claros: horticultores (entre a superfície ao nível 10, com evidenciação de fragmentos cerâmicos, material botânico, várias tipologias de material lítico em quartzo e uma lâmina de machado polida completa), sendo o nível 08 datado de 480 ± 30 anos A.P. (calibrado entre 530 e 510 anos AP, ou seja, século XV de nossa Era). Três ocupações de **caçadores coletores**, entre o nível 11/12 ao final da escavação, sendo evidenciada uma rica indústria lítica em quartzo e quartzito (FAGUNDES, 2013). Apesar do repertório cultural lítico ainda estar em estudo (SILVA, 2016), pode-se afirmar que se trata de uma indústria notoriamente baseada na exploração do quartzo hialino, com presença marcante de lascas de façonagem, tanto nos níveis mais recentes quanto nos mais antigos. A primeira ocupação deste sítio apresentou cronologias entre 6290 ± 30 e 6140 ± 40 (calibradas entre 7255 e 7100 anos A.P.), onde pode ser observada a produção de artefatos bifaciais; a segunda ocupação (camada intermediária) ocorreu em torno de 6180 e 6150 anos A.P. (data calibrada), justamente o pacote onde foi evidenciado o artefato em quartzito (mesial de plano convexo); e por fim uma ocupação entre 4520 e 4420 anos A.P. (datas calibradas), com predominância de lascas em quartzo hialino. A diferença observada, até então, entre as duas ocupações (caçadores-coletores e horticultores), ocorre na indústria lítica, marcada pelo uso da matéria-prima, uma vez que os quartzitos ocorrem exclusivamente nos pacotes associados às ocupações de caçadores coletores, sendo, inclusive, evidenciado um fragmento mesial de artefato plano convexo com datação de 5270 ± 40 anos AP (camada intermediária).



Figura 7 Visão frontal do sítio Cabeças 4. Destaque para (1) Painel rupestre; (2) Área escavada. Elaboração: SIMÕES, 2016



Figura 8 Sítio Cabeças 04. (A) e (B) Escavação. (C) Painel rupestre no teto do abrigo. LAEP/2014.

• Sítio Sampaio – Outro afloramento quartzítico localizado em área de floresta estacional semidecidual. Diferente de outros sítios, regionalmente é o único afloramento, sendo que todos os seus suportes rochosos foram pintados. Apesar de ser um abrigo relativamente grande, apresentou apenas uma pequena área com pacote sedimentar que permitisse a escavação, sendo aberta uma sondagem de 1m². Entretanto, foram evidenciadas três grandes estruturas de combustão (datação em processamento), além de vestígios líticos e botânicos. O repertório cultural mais expressivo é a arte rupestre, com presença de sete painéis, que estão sendo estudados por Greco (2016).

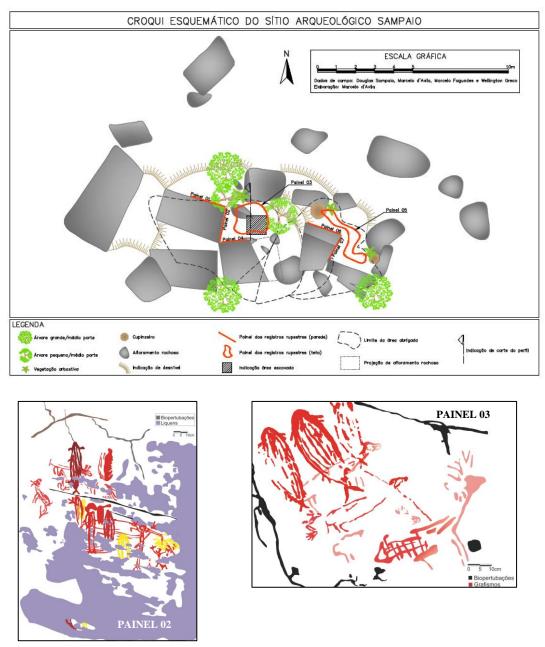


Figura 9 Croqui do sítio Sampaio e calques dos painéis rupestres 2 e 3. Elaboração: Croqui, AROEIRA (2016), Calques, GRECO (2016).

REPERTÓRIO CULTURAL – DADOS GERAIS:

Basicamente há dois vestígios culturais em destaque para Serra Negra: o lítico e a arte rupestre, de tal modo que todos os projetos acadêmicos desenvolvidos, por enquanto, têm como foco estes dois documentos. A arte rupestre em sido sistematicamente estudada por Leite (2012, 2016), Santos (2016), Greco (2016), Gambassi (2016), Palhares (2016); enquanto

Revista Científica Vozes dos Vales — UFVJM — MG — Brasil — Nº 10 — Ano V — 10/2016 Reg.: 120.2.095-2011 — UFVJM — QUALIS/CAPES — LATINDEX — ISSN: 2238-6424 — <u>www.ufvjm.edu.br/vozes</u>

o lítico é a cultura material elegida para os trabalhos acadêmicos de Santos, I. (2013), Perillo Filho (2013, 2016), Silva (2016), Neves (2016) e Galvão (2016).

Os conjuntos artefatuais líticos do Alto Jequitinhonha têm sido estudados sistematicamente (ISNARDIS, 2009; MIRANDA, 2013; FAGUNDES & TAMEIRÃO, 2013, FAGUNDES *et al*, 2014; PERILLO FILHO, 2016; SILVA, 2016), sendo a síntese de resultados:

- a) Planalto Diamantinense: que tem como características o uso do quartzo (sobretudo hialino) e do quartzito, este último da Formação Galho do Miguel (mais cristalizado), além da presença marcante de raspadores plano-convexos, sobretudo sobre plaquetas. O único sítio com presença de plano-convexos sobre lascas foi estudo por Tameirão (2013), sendo identificado 34 peças debitadas, seguidas pelas técnicas de façonagem e retoques.
- b) **Serra Negra**: com presença marcante de uma indústria sobre quartzo, porém ocorrendo uma maior diversidade de matéria-prima, com presença de quartzitos do Grupo Guanhães, sílex e granito (FAGUNDES *et al*, 2014).

Assim, pode-se inferir preliminarmente que há uma diferença significativa dos conjuntos líticos estudados no Planalto Diamantinense (ISNARDIS, 2009; MIRANDA, 2013; TAMEIRÃO, 2013) daqueles da Serra Negra, sendo este último, inclusive, com a presença da tecnologia bipolar para debitagem do quartzo (FAGUNDES, 2013; SANTOS, I. 2013; PERILLO FILHO, 2013, 2016; SILVA, 2016).

Para o Planalto Diamantinense, Isnardis (2009) destaca a presença de diferentes tipos artefatuais, contudo sendo os planos-convexos sobre plaqueta os mais característicos da área. Além disso, o autor afirma que estes plano-convexos não estariam relacionados às ocupações de grupos de caçadores-coletores (como é o caso de muitos sítios e conjuntos artefatuais do Planalto Central), mas sim associados às ocupações mais recentes, de horticultores.

Estudando o conjunto artefatual do sítio Mendes II (também no Planalto Diamantinense), Fagundes & Tameirão (2013) identificaram plano convexos sobre lascas, obtidos pela técnica unipolar de lascamento, seguidos de várias retiradas de façonagem para estabelecer morfologia e volume das ferramentas, seguidas de retoques, geralmente curtos e

escama de modo a criar um bordo (ou mais) bordo cortante. Segundo os autores, o conjunto artefatual é diversificado, sendo composto:

(...) por artefatos plano-convexos, além de outros raspadores unifaciais de diferentes formas, tanto em quartzo hialino quanto quartzito; plaquetas retocadas, pontas projéteis; furadores triédricos, além de todos os demais componentes da indústria: suportes não utilizados (com ou sem morfologia completa); lascas de façonagem e/ou retoques; núcleos; percutores e outros diferentes resíduos provenientes dos diferenciados estágios de lascamento. Há ferramentas que apresentam marcas claras de uso e reaproveitamento e àquelas onde não foi possível evidenciar qualquer sinal de utilização.

Além disso, de acordo com Fagundes (2013), os artefatos curados que compõem o Mendes II apresentaram maior investimento técnico e, mesmo com grande disponibilidade de matéria-prima regionalmente, outra característica foi a revivagem dos bordos por meio de retoques: "(...) categoria que permite a inferência de que havia uma preocupação do artesão em manter sua vida útil por um maior tempo". Sobre as ferramentas expeditas, majoritária entre os vestígios, pode-se inferir que o sítio foi um assentamento que desenvolveu outras atividades sociais, além do lascamento.

O sítio Itanguá 02 está constituído por mais de 5 mil vestígios provenientes das diferentes fases de lascamento, isto equivale a dizer que apresenta uma grande variedade de peças: artefatos completos, suportes não utilizados, estilhas, núcleos, percutores, etc., de modo que a equipe o classificou como uma oficina lítica, aos moldes de Morais (1983).

De acordo com Fagundes *et* al (2015) o conjunto artefatual tem como característica marcante a diversidade de matéria-prima, uma vez que mesmo sendo o quartzo hialino corresponder a grande maioria do conjunto, há presença de outros tipos de rochas e minerais, tais como quartzo leitoso, quartzo fumê, quartzito, arenito silicificado, sílex, granito, hematita e madeira fossilizada. Além disso, destaque deve ser dado à versatilidade artefatual deste conjunto. Entre os artefatos evidenciados na escavação pode-se citar a presença de raspadores e lascas retocadas de diferentes morfologias, um fragmento de raspador plano-convexo em quartzo, ponta projétil, vestígios com marcas claras de uso, além de resíduos provenientes do processo de debitagem/ façonagem de suportes que indicam a presença de artefatos bifaciais.

A debitagem para obtenção de suportes à confecção de artefatos foi realizada por meio da técnica unipolar com uso de percutor duro, fato comprovado pelos estigmas de lascamento das peças até então analisadas: lascas com talão liso-plano ou cortical, ponto de impacto e bulbo saliente, alguns vestígios com esquilla bulbar, além da presença de vários

percutores. Pouquíssimos vestígios apresentaram indicativo de tecnologia bipolar, mesmo com a grande quantidade de material em quartzo. Hipótese provável diz respeito à fonte de matéria-prima para obtenção deste mineral: veios de quartzo associados ao quartzito local. Os núcleos evidenciados (todos em quarto leitoso ou hialino) corroboram com a hipótese de exploração maciça de veios de quartzo, entretanto há alguns indicativos de exploração de seixos, sobretudo nas demais matérias-primas.

Sobre o sílex marrom, raro na região em estudo, fora evidenciado um núcleo na Camada 02 da escavação onde esta matéria-prima estava associada a um bloco de quartzo. Tal fato está sendo investigado e prospecções destinadas à localização de jazidas líticas estão sendo providenciadas. Fato é que o quartzo, em sua variedade, é facilmente encontrado localmente. Mais recentemente, uma pequena estilha deste sílex foi evidenciada na sondagem do sítio Sampaio, localizado na cidade de Felício dos Santos.

No processo de façonagem, duas realidades puderam ser observadas: uso de percussão direta com uso de ferramenta dura e/ou macia. A última técnica é observada nos materiais em quartzo hialino, tanto em artefatos acabados, quando nos resíduos de lascamento, fato comprovado pela grande quantidade de lascas e lamelas com lábios.

Como dito, apenas artefatos unifaciais foram identificados no conjunto lítico, entretanto há vários indicativos da provável presença de instrumentos bifaciais. Levando-se em conta a hipótese de se tratar de uma oficina de lascamento, o mais provável é que artefatos bifaciais acabados tenham sido transportados para outros locais. Sobre a questão de o sítio ter sido uma oficina de lascamento, vários itens corroboram com esta proposição: a) presença de todos os estigmas de lascamento e ferramentas de percussão no sítio; b) disposição de blocos na frente do abrigo (claramente intencional), sendo que materiais pesados como núcleos, suportes e percutores estavam associados a estes blocos; c) densidade de material lítico por quadrícula x ocupação.

Outros conjuntos artefatuais exumados pela pesquisa acadêmica aqui apresentada foram:

- **Sítio Cabeças 01** tema da monografia de Thiago H. Neves, com defesa marcada para primeiro semestre de 2017. (UFVJM).
- **Sítio Cabeças 03** está sendo estudado pela equipe do LAEP.

- **Sítio Cabeças 04** tema da dissertação de Lidiane Silva, com defesa marcada para 2017 (UFPEL).
- Sítio Sampaio tema da IC e monografia de Landerson Galvão (UFVJM).

Acerca da arte rupestre, a pesquisa com mais resultados é a desenvolvida por Leite, no Complexo Arqueológico Campo das Flores (LEITE, 2012; LEITE & FAGUNDES, 2014; LEITE, 2016). Em sua dissertação de mestrado, com base nos conceitos de estilo e paisagem, o autor apresentou a análise cronoestilística de vários sítios, sendo o mais complexo o Itanguá 06, que apresentou 11 momentos distintos de ocupação do painel rupestre.

Assim, pode-se dizer que a maioria dos sítios de Serra Negra traz como temática principal àquela definida por André Prous para a Tradição Planalto (PROUS, 1992), ou seja, associação clássica entre cervídeos e peixes (muitas vezes perfazendo 1/3 dos grafismos representados no sítio), além da presença de outros quadrúpedes e, em menor número, outros zoomorfos. Os antropomorfos, quando ocorrem, são geralmente filiformes. A monocromia é uma característica muito comum, sendo que as figuras pintadas em vermelho são a maioria nos sítios, mas também existem grafismos em amarelo, preto e branco. De modo geral, sintetizamos as principais características da arte rupestre regional da seguinte forma (FAGUNDES *et al*, 2014, p. 193).

- Todas as figuras são monocromáticas, sendo o vermelho (e variações) a tinta mais presente. O amarelo e o preto aparecem de maneira muito discreta, sendo o último verificado apenas em uma pintura geométrica do sítio Itanguá 01. O amarelo ocorre em figurações isoladas, geralmente associadas às figurações de cabeças de cervídeos chapados (sítios Itanguá 06 e Amaros 01). No sítio Itanguá 02 ocorre um antropomorfo em amarelo.
- Todas as figurações são pintadas, salvo exceção de uma figura em crayon no sítio
 Itanguá 01.
- Há uma variedade de representações das figurações, com preenchimento chapado ou geométrico, com predominância numérica do último.
- A grande maioria das representações é de zoomorfos, estes majoritariamente mamíferos tetrápodes. Representações de testudines ou lepdossauros são muito raras, a exemplo dos conjuntos rupestres dos sítios Serra dos Índios (em Planalto de Minas) e do Três Fronteiras 05.

- Os antropomorfos, apesar de menor número quando comparados aos zoomorfos, apresentam grande variabilidade estilística. Os sítios mais ao norte, em direção ao vale do Doce, são os que aparecem maior diversidade no que se refere aos antropomorfos.
- As sobreposições, diferente do que ocorre no Planalto Diamantinense, são mais raras. A grande maioria das figuras está isolada no painel e mesmo as cenas são raras. Exceção diz respeito ao painel do sítio Itanguá 06 que, como dito, foram identificados 11 momentos distintos de sobreposições, muito diferente dos outros sítios que compõem o complexo arqueológico (LEITE, 2016). Outras sobreposições ocorrem nos sítios Cabeças, sobretudo 01, 03 e 04; no Indaiá 01; e, em menor escala, no Sampaio (GRECO, 2016) e Três Fronteiras 06 (PALHARES, 2016).

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES:

Não há dúvidas que a Área Arqueológica de Serra Negra apresenta um potencial arqueológico imenso que irá gerar muito trabalhos acadêmicos ao longo dos anos, uma vez que, sob nosso olhar, ainda estamos na "ponta do iceberg" quando se trata de conhecer a história indígena regional antes do contato.

Até o momento 56 sítios foram identificados e divididos em vários complexos conforme suas características de implantação, levando em conta aspectos arqueológicos e geoambientais. Cinco destes sítios foram escavados, todos contendo uma rica indústria de ferramentas produzidas por meio do lascamento rochas e/ou minerais, sendo o quartzo a matéria-prima mais presente, seguida pelo quartzito e sílex. O polimento é outra tecnologia comum em Serra Negra, contudo uma única lâmina de granito foi identificada na escavação do sítio Cabeças 4, outras foram achadas fortuitamente por moradores em suas atividades sociais.

A cerâmica, um marcador cultural muito comum das ocupações indígenas horticultoras do Brasil, quase não ocorre, sendo evidenciados pequenos fragmentos nos sítios Cabeças 02 e 04, e mais recentemente um único fragmentos em superfície do sítio Três Fronteiras 04.

Outra novidade, e imensa contribuição para o conhecimento arqueológico, foi a cronologia do sítio Cabeças 04, um abrigo com sequência cronológica de ocupação durante o Holoceno Médio, entre 7225 e 480 anos A.P.

A arte rupestre regional também é marcada pela diversidade estilística. A grande maioria dos painéis apresenta figurações filiadas à Tradição Planalto (PROUS, 1992), entretanto com características diferentes do que fora observado para a região de Diamantina, por exemplo (LINKE, 2008).

Novas escavações estão sendo programadas para o biênio 2016/2018, de modo que se possa obter novas datações e novos conjuntos materiais que permitam um entendimento mais assertivo acerca do modo de vida e cultura dos grupos pretéritos que ocuparam o Alto Vale do Jequitinhonha.

AGRADECIMENTOS:

A toda a equipe do Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem, professores e alunos, pela constante entusiasmo e respeito à pesquisa.

Abstract: This article aims to present the main advances that have been achieved over seven years of systematic research in the Upper Jequitinhonha Valley, especially in the land of the municipalities of Felício dos Santos, Itamarandiba, Senador Modestino Goncalves and São Gonçalo do Rio Preto. The research has been carried out based on interdisciplinarity with the goal to collect data from the Natural Sciences and Humanities in order to enable the understanding of environmental and cultural relations of the human groups who occupied a vast territory in the Upper Valley of Jequitinhonha, from transition among the Pleistocene to the Holocene to the contact with the Europeans. The project coverage area was called Serra Negra Archaeological Area, located on the east side of the Espinhaço Mountains, between the basins of the Jequitinhonha and Doce rivers. The area is composed of 56 archaeological sites, all of rock shelters (quartzite), most with presence of rock art panels deployed in different vegetation types that form the area. Until now, five archaeological sites were excavated, with a rich set of material culture divided into two distinct occupations (from hunter gatherers to horticulturists), between 7225 to 130 years BP. As a result, we expect a more assertive understanding of the regional settlement system, as well as highlight the main features of the material culture, the way of life and culture of the indigenous people who occupied the northeast of Minas Gerais.

Key words: Archaeology. Middle Holocene. Paleoenvironment. Espinhaço Mountains. Landscape. Material Culture.

REFERÊNCIAS

- BISPO, Diego et al. Characterization df Headwaters Peats of the Rio Araçuaí, Minas Gerais State, Brazil. Revista Brasileira de Ciência do Solo, vol.39, n.2, pp.475-489, 2015.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: EDUERJ, pp.92-123, 1998.
- DESCOLA, P. Constructing natures: symbolic ecology and social practice. In: Nature and Society: anthropological perspectives. London: Routledge, pp.82-102, 1999.
- FAGUNDES, Marcelo. *O conceito de paisagem em arqueologia os lugares persistentes.* **Holos Environment**, 09 (02), pp. 135-149, 2009. Disponível em: http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/holos/article/view/1310
- ______. As Relações e Conexões entre Arqueologia e Paisagem: do contexto arqueológico ao contexto sistêmico sob a ótica dos lugares persistentes. Rio de Janeiro: Anais II Simpósio Arqueologia na Paisagem, Conferência Magistral, 2011. Disponível em: http://www.eba.ufrj.br/historiadopaisagismo/images/arquivos/arqueologia_na_paisag em_2011.pdf
- ______. *O Projeto Arqueológico Alto Jequitinhonha (PAAJ) e a Área Arqueológica de Serra Negra, Alto Araçuaí, Minas Gerais*. **Revista Espinhaço**, 2 (2): 68-95, 2013. Disponível em: http://www.cantacantos.com.br/revista/index.php/espinhaco/article/view/252/220
- _____. Natureza e Cultura: estudo teórico sobre o uso conceito de Paisagem nas Ciências Humanas. **Tarairiú**, Campina Grande-PB, 01 (07), pp. 32-54, 2014. Disponível em: http://mhn.uepb.edu.br/revista_tarairiu/n7/art3.pdf
- FAGUNDES, M. & PIUZANA, D. Estudo Teórico Sobre o Uso Conceito de Paisagem Em Pesquisas Arqueológicas do Contexto Arqueológico ao Contexto Sistêmico sob a Ótica dos Lugares Persistentes. CINDE, v.08, n.01, pp-203-218, 2009. Disponível em: http://www.scielo.unal.edu.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2010000100010&lng=pt&nrm=iso
- FAGUNDES, M. & TAMEIRÃO, J. R. Conjuntos líticos do Sítio Arqueológico Mendes II, Diamantina, MG: um estudo de cadeia operatória dos artefatos unifaciais em quartzito da face meridional da Serra do Espinhaço. **Tarairiú**, **Tarairiú** Revista Eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB, 01 (06), pp. 164-187, 2013.
- FAGUNDES, M. et al. Implicações Geológicas e Ecológicas para Assentamentos Humanos Pretéritos — Estudo de Caso no Complexo Arqueológico Campo das Flores, Área Arqueológica de Serra Negra, Vale do Araçuaí, Minas Gerais. **Revista Espinhaço**, 1(1), pp. 41-58, 2012a. Disponível em: http://www.cantacantos.com.br/revista/index.php/espinhaco/article/view/169

- FAGUNDES, M. et al. Paisagem cultural da área arqueológica de Serra Negra, Vale do Araçuaí-MG: os sítios do complexo arqueológico Campo das Flores, municípios de Senador Modestino Gonçalves e Itamarandiba. **Tarairiú** Revista Eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB, 01 (05), pp. 41-66, 2012. Disponível em: http://mhn.uepb.edu.br/revista_tarairiu/n5/art2.pdf
- FERREIRA, E. Conjuntos estilísticos da Serra dos Índios: Estudo da arte Rupestre do Alto Jequitinhonha, Planalto de Minas, MG. Trabalho de Conclusão de Curso. Diamantina, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Bacharelado em Humanidades, 2011
- FERREIRA, M.; FAGUNDES, M. A Arte rupestre de Serra Negra: Concepções Estéticas dos Conjuntos Gráficos do Sítio Amaros 01, Itamarandiba/MG. Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística, v. 4, nº 1, 2014.
- FLORESTA, D. Caracterização estrutural de materiais ferrugionosos de pigmentos de arte rupestre e de cerâmicas de sítios pré-históricos de Minas Gerais, como base para correlações arqueométricas. Belo Horizonte. Centro do Desenvolvimento em Tecnologia Nuclear (CDTN), Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia das Radiações, Minerais e Materiais, Tese de Doutorado, 2015.
- FLORESTA, D.; FAGUNDES, M.; FABRIS, J. D.; ARDISSON, J. D. *Iron-containing pigment from an archaeological rupestrian painting of the Planalto Tradition in Minas Gerais, Brazil.* **Hyperfine Interact**, 232, pp. 29-40, 2015. Disponível em: http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10751-015-1182-4
- GALVÃO, Landerson. **Estudo do conjunto lítico do sítio Sampaio, Felício dos Santos, MG**. Projeto de TCC, Bacharelado em Humanidades, UFVJM, 2016.
- GAMBASSI FILHO, Roberto. **Estudo dos grafismos rupestre do sítio Cabeças 04.** Diamantina-MG: Projeto de TCC, Bacharelado em Humanidades, UFVJM, 2016.
- GOMES, Milene. Estudo da arte rupestre do sítio Três Fronteiras 05, Felício dos Santos, MG. Diamantina-MG, Relatório de Iniciação Científica, 2016.
- GRECO, Wellington. Estudo dos Grafismos Rupestres do Sítio Sampaio, Município de Felício dos Santos-MG: Um Sítio da Tradição Planalto na Área Arqueológica de Serra Negra. Diamantina-MG, Relatório de Iniciação Científica, 2016.
- HORÁK, I.; VIDAL-TORRADO, P.; SILVA, A. C.; PESSENDA, L. C. R. Pedological and isotopic relations of a highland tropical peatland, Mountain Range of the Espinhaço Meridional (Brazil). Revista Brasisleira Ciências do Solo, v. 35, n. 1, p. 41-52, 2011.
- HORÁK-TERRA, I. Late Pleistocene-Holocene environmental change in Serra do Espinhaço Meridional (Minas Gerais State, Brazil) reconstructed using a multiproxy characterization of peat cores from mountain tropical mires. Piracicaba, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 2014. 134p. (Tese de Doutorado), 2015.

- HORÁK-TERRA, I.; MARTÍNEZ-CORTIZAS, A.; CAMARGO, P.B.; SILVA, A.C.; VIDAL-TORRADO, P. Characterization of properties and main processes related to the genesis and evolution of tropical mountain mires from Serra do Espinhaço Meridional, Minas Gerais. Brazil. Geoderma. v. 232, p. 183–187, 2014.
- ISNARDIS, A. Entre as pedras: as Ocupações Pré-históricas recentes e os Grafismos Rupestres da Região de Diamantina, Minas Gerais. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2009.
- ______. Pedras na Areia. As Indústrias Líticas e o Contexto Horticultor do Holoceno Superior na Região de Diamantina, Minas Gerais. **Revista Espinhaço**, 2 (2): 54-67, 2013.
- KNEGT, M. P. de. Indicadores da paisagem para a ocorrência de sítios arqueológicos na Área Arqueológica de Serra Negra, Face Leste do Espinhaço. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- LEITE, V. A. Flores e Pinturas na Paisagem: Análise Espacial e Intra-Sítio em Campo das Flores. Universidade de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2016.
- ______. Estudo Diacrônico-Estilístico da Arte Rupestre do Sítio Itanguá 06, Complexo Arqueológico Campo das Flores, Vale Do Araçuaí, Minas Gerais. Trabalho de Conclusão de Curso. Diamantina, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Bacharelado em Humanidades, 2012.
- LEITE, V. A.; FAGUNDES, Marcelo. Estudo diacrônico-estilístico do painel rupestre do Sítio Arqueológico Itanguá 06, vale do Rio Araçuaí, Minas Gerais, Brasil: uma análise estratigráfica. **Tarairiú**, Campina Grande-PB,01 (07), pp. 113-128, 2014. Disponível em: http://mhn.uepb.edu.br/revista_tarairiu/n7/art9.pdf
- LINKE, Vanessa. **Paisagem dos sítios de arte rupestre da região de Diamantina.**Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.
- . Onde É Que Se Grafa? As Relações Entre os Conjuntos Estilísticos Rupestres da Região de Diamantina (Minas Gerais) e o Mundo Envolvente. **Revista Espinhaço**, 2 (2): 118-131, pp., 2013.
- MENDONÇA FILHO. *Vegetação*. In: **Serra do Espinhaço Meridional: Paisagens e Ambientes**. 1º edição. Diamantina: O Lutador, capítulo III, 2005.
- PROUS, André. Arqueologia Brasileira. Brasília: Editora da UNB, 1992.
- PALHARES, Danilo. Complexo Arqueológico Três Fronteiras os sítios da vertente do Córrego Alegre: estilo e paisagem da arte rupestre regional. Diamantina: Mestrado Interdisciplinar Profissional em Ciências Humanas, Projeto de Dissertação, 2016.
- PERILLO FILHO, A. Estudo dos Conjuntos Líticos Pré-Históricos do sítio Itanguá 02, Área Arqueológica de Serra Negra, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais. Trabalho de Conclusão de Curso. Diamantina, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Bacharelado em Humanidades, 2014

- PERILLO FILHO, A. Análise lítica e dispersão espacial dos materiais arqueológicos do sítio Itanguá 02, Vale do Jequitinhonha, MG. Pelotas-RS. Dissertação de Mestrado, PPG em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, 2016.
- SANTOS, I. A. C. Estudo dos conjuntos líticos do sítio Itanguá 02, Campo das Flores, MG. Relatório de Iniciação Científica. Diamantina, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Bacharelado em Humanidades, 2013.
- SANTOS, Silvia. Estudo cronoestilístico do painel 03 do sítio Cabeças 02, Felício dos Santos, MG. Diamantina-MG, Relatório de Iniciação Científica, 2016.
- SCHLANGER, S. 1992. Recognizing persistent places in Anasazi settlement systems. IN: ROSSIGNOL & WANDSNIDER. Space, time, and archaeological landscapes. New York and London, Plenum Press, pp. 91-112.
- SILVA, A. C. *Solos*. In: **Serra do Espinhaço Meridional: Paisagens e Ambientes**. 1° edição. Diamantina: O Lutador, capítulo III, p. 59-78, 2005.
- SILVA, L. A. Cadeia operatória do conjunto artefatual lítico do Holoceno médio: abrigo Cabeças 4, Felício dos Santos, Alto Vale do Araçuaí, MG. Pelotas-RS: Qualificação de Mestrado, PPG-Antropologia, 2015.
- TAMEIRÃO, J. R. Além das Pedras: uma abordagem tecnológica do conjunto artefatual do sítio arqueológico Mendes II, Diamantina, MG. Trabalho de Conclusão de Curso. Diamantina, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Bacharelado em Humanidades, 2013.

Processo de Avaliação por Pares: (Blind Review - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 10/10/2016

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,
em diversas áreas do conhecimento.